

ANTIGAS LEMBRANÇAS

“Ameaça de bomba. Saíam todos do prédio imediatamente”. O fato ocorreu quando a então Equipe de Repressão a Roubos do Ministério Público de São Paulo funcionava em velho edifício do Pátio do Colégio. E lá fomos nós para a rua, deixando inquéritos, processos e documentos sobre as mesas, enquanto policiais faziam cuidadosa varredura a fim de encontrar o artefato, que afinal não existia, era mero blefe de algum incomodado com o trabalho dos Promotores.

A sala era pequena, havia pouco espaço entre as mesas de trabalho, mas em compensação a vista do velho Colégio, ao fundo de ampla praça, despertava-nos intensas emoções. Lembro-me de que um dos colegas, que posteriormente ingressou na Magistratura pelo quinto constitucional, também tocado pela beleza e pelos sentimentos que aquela imagem despertava, costumava colocar-se à frente do janelão para lançar, enfaticamente, uma benção “urbis et orbi” aos que circulavam pelo Pátio.

Outro incidente desses saudosos tempos me vem à lembrança. Foi a detenção, por agente policial responsável pela segurança da praça, de um jovem de tez escura e cabelos desgrehados, que naquela época pouca gente usava e que pareceu a ele vagabundo qualquer, quiçá até mesmo com antecedentes criminais. Foi preciso que o hoje famoso e festejado Djavan, então ainda pouco conhecido, provasse quem era mostrando seu primeiro disco, um desses “bolachões” que ora estão voltando à moda, em cuja capa aparecia sorridente e com o mesmo visual, para que o Delegado de Polícia o liberasse e até lhe pedisse desculpas pelo engano. Fiquei sabendo que a autoridade inclusive ganhou o vinil de presente, devidamente autografado.

Também dessa época é acontecimento que até hoje me faz sorrir. Colega muito bem informado falou-me de loja de equipamentos fotográficos, no segundo andar da famigerada Galeria Pajé – que nem sei se ainda existe –

garantindo-me tratar-se de estabelecimento sério e regular, que vendia seus produtos a bom preço, emitindo sempre nota fiscal e tudo o mais. Como precisasse de filtro UV para minha câmera, lá fui eu ao fim do expediente à procura do produto, de paletó, gravata e pasta preta em que levava inquéritos e processos para trabalhar em casa. Mal entrei pela porta principal, a passos rápidos e firmes, percebi insólito alvoroço nas lojas de um lado e de outro, funcionários que retiravam apressadamente das vitrines muitos dos produtos expostos e os levavam para os fundos. Assustado com aquilo tudo, resolvi dar meia volta e retirar-me com a intenção, cumprida à risca, de nunca mais pôr os pés por lá. Concluí que os donos das lojas confundiram-me com algum fiscal que tivesse vindo confiscar-lhes as muambas... É para rir mesmo.

Isso de o traje e a postura impressionarem pessoas simples, trazem-me também à memória o que ocorreu quando meu saudoso e dileto amigo, Dr. Júlio César Ribas, um dos idealizadores dos aclamados Grupos de Estudos do MP, esteve internado no Hospital do Servidor da capital paulista. Visitei-o em diversos dias da semana, quando ia para o trabalho na Equipe, já então instalada na Avenida Liberdade. Não eram absolutamente os dias e muito menos o horário de visitas, mas “fardado” como estava, com terno escuro, gravata e a indefectível pasta preta, ia entrando de cabeça erguida e passos rápidos, fazia leve cumprimento com simples meneio de cabeça a quem estivesse na portaria e me dirigia ao elevador para levar um abraço ao amigo doente. Nunca ninguém ousou me parar...

Bons tempos aqueles! Não é só “viver que é preciso”, como escreveu o poeta. Cada vez estou mais convencido de que recordar também é preciso.

Darly Viganó

darly.viganó@gmail.com